

Os grandes projetos viraram o bode expiatório da crise

Alguns economistas acham que uma das principais — se não a principal — causas das dificuldades que o Brasil enfrenta hoje em suas contas externas foram os grandes projetos de desenvolvimento elaborados e inicialmente implantados nos governos Médici e Geisel, projetos esses que os críticos mais acirrados chegam a taxar de negalómanos, como a Transamazônica, o projeto nuclear, a Ponte Rio-Niterói etc.

O termo megalômano, no entanto, é severamente contestado pelo ex-Ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, titular da pasta justamente durante aqueles dois governos. Para ele seria exagerado mesmo dizer que os projetos foram superdimensionados.

— O máximo que se pode dizer — explica — é que são projetos grandes. Mas é preciso considerar que a economia brasileira é grande.

Hoje na iniciativa privada (preside o Conselho de Administração da Cia. Investplan de Participações), Reis Velloso acentua que existem alguns mitos que precisam ser desfeitos. E o primeiro deles é dizer que o Brasil resolveu crescer muito custa de um endividamento elevado. Para Velloso, o que aconteceu, na realidade, é que o Brasil desacelerou progressivamente a economia, a partir de 1973. E cita dados:

— Em 1973, a economia brasileira cresceu a uma taxa de 14 por cento. Em 1977 esse crescimento foi de 5,4 por cento e, no ano seguinte, a taxa foi de 4,8 por cento.

O segundo mito apontado pelo ex-Ministro é o de pretender ligar o endividamento do Brasil a certos projetos rotulados como megalomaníacos.

— Um país se endivida — diz — porque tem um hiato de recursos. E, para se saber onde estão os focos do déficit em conta-corrente é preciso saber em que cresceram mais as importações. E basta analisar os

dados para se observar que não foram os equipamentos adquiridos para aqueles grandes projetos os responsáveis pelo crescente das importações.

Segundo Reis Velloso, mesmo um projeto considerado faraônico, como Itaipu, "que tem 50 por cento de nacionalização", tem somente 20 a 30 por cento de equipamentos importados, "ou seja, entre dez a 15 por cento do investimento total". Em sua opinião, os projetos "podem até ser criticados por si, mas não se pode fazer um julgamento global de que tenham rovado o endividamento do País".

De acordo com os dados mencionados pelo ex-Ministro, os totais gastos com a importação de equipamentos, apesar de serem considerados elevados quando comparados com aqueles referentes às importações de petróleo, até 1977, registraram um crescimento, entre 1973 e 1981, de 88 por cento, "enquanto os gastos com petróleo cresceram de 1.445 por cento e com o pagamento de juros, isto é, um aumento de 1.686 por cento".

Velloso ressalta, também, "o grande trabalho da Petrobrás, cujos investimentos em prospecção e perfuração permitiram que a produção interna de petróleo crescesse". E diz que a situação seria, talvez, mais grave, "não fossem também os investimentos realizados durante o governo Geisel nas áreas de energia, insumos básicos e lins de capital".

— Graças a esses investimentos em programas de substituição de importações — destaca — é que não se criou um terceiro foco de desequilíbrios na área de insumos básicos.

O ex-Ministro do Planejamento reconhece as dificuldades que o momento atual força o País a enfrentar, mas acha que não cabe uma reação de desespero.

— Afinal — explica — a Coreia do Sul tem um produto interno bruto equivalente a um terço do nosso, tem uma dívida de US\$ 40 bilhões, e ninguém está esperando o pior para aquele país. Outro exemplo é o do México, que tem a metade do nosso PIB e uma dívida semelhante à nossa. Isso sim, é mais preocupante.

Para Reis Velloso já há alguns indícios de que podemos obter resultados satisfatórios no problema das contas externas. O primeiro desses indícios é a queda dos preços do petróleo, que certamente torna as coisas mais fáceis. Em segundo lugar está a queda nas taxas de juros, que representa, por menos que seja, um certo desafogo no serviço da dívida. E, por último, a recuperação que se esboça na economia americana.

Quanto à elevação dos preços do petróleo ocorrida em 1979 (o segundo choque), causa de todos os males que hoje nos afetam, Velloso só tem uma definição:

— A Opep matou a galinha dos ovos de ouro.

US\$ MILHÕES

	Importações	Petróleo	Equipamentos	Outros	Juros
1973	6 192	711	2 143	3 338	514
1974	12 641	2 840	3 119	6 682	652
1977	12 023	3 814	3 101	5 295	2 103
1978	13 682	4 196	3 553	5 934	2 696
1979	18 084	6 434	3 732	7 918	4 186
1980	22 955	9 844	4 381	8 730	6 311
1981	22 091	10 986	4 020	7 085	9 180
Aumento entre 1973 e 1981 (%)	257	1 445	88	112	1 686